



A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS

THE ETHICS OF RESPONSIBILITY BY HANS JONAS

Helena Mendes da Silva LIMA¹

Instituto de Ensino Superior de Filosofia e Teologia Mater Dei

E-mail: mendeshelena13@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-0769-4511>

RESUMO

O presente artigo evidencia como a Ética da Responsabilidade, princípio elaborado pelo filósofo alemão Hans Jonas, pode contribuir para uma mudança de práxis humana no que tange à degradação ambiental que ocasiona uma crise sócio climática, uma vez que, além da questão do clima percebe-se uma instabilidade nas concepções de continuidade da civilização. A partir da indagação: Como o pensamento de Jonas instrumentaliza e põe-se como norteador de tomadas de decisão e de atitudes em um cenário caótico e de crise instaurada? Aqui far-se-á uma reflexão em linhas gerais e os principais pontos do pensamento de Hans Jonas; concluindo assim, a viabilidade de a partir de um exercício filosófico ser possível jogar luzes a situação crítica em que a atual sociedade está inserida. Tendo sempre o pensamento de Jonas como basilar para um novo compromisso com o futuro.

Palavras chaves: Responsabilidade. Clima. Sociedade. Ética.

ABSTRACT

This article highlights how the Ethics of Responsibility, a principle developed by the German philosopher Hans Jonas, can contribute to a change in human practice regarding the environmental degradation that causes a socio-climatic crisis. This paper explores the following: How does Jonas's thinking instrumentalize and guide decision-making and actions in a chaotic scenario of crisis? This article will offer a general reflection on the main points of Hans Jonas's thought; concluding, through a philosophical exercise, it is possible to shed light on the critical situation in which

¹ Helena Mendes da Silva Lima, professora no Instituto Superior de Filosofia e Teologia Mater Dai, mendeshelena13@gmail.com ORCID 0009-0002-0769-4511, Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP.

today's society finds itself. Jonas's thinking should always be the foundation for a new commitment to the future.

Keywords: Responsibility. Climate. Society. Ethics.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discorrer a cerca daquilo que Hans Jonas estabeleceu como Princípio da Responsabilidade, ideia fundamental para se evidenciar um princípio ético neste mesmo sentido. A ética da Responsabilidade consiste em despertar a sociedade para uma consciência de coletividade e preocupação para além da vivência atual, visando também as futuras gerações e o cenário que será entregue a eles.

Uma vez que, as ações climáticas desencadeiam consequências que não atingem somente as pessoas destes tempos, mas deixará marcas e problemáticas para as descendências vindouras. Portanto, a objetivação geral é apresentar a Ética da Responsabilidade de Hans Jonas como norteador para uma nova tomada de consciência e atitude da atual sociedade, visando as que virão.

Para tal feito, o caminho percorrido será o de apresentar os principais pensamentos do pensador, depois aprofundar na sua reflexão da relação homem e natureza, e por fim, apresentar como este pensamento pode contribuir para a busca de superação da crise ambiental existente. Dentro deste contexto, o trabalho busca ser uma contribuição no campo da Ética e da Sustentabilidade sempre atrelado a um baseamento filosófico profundo e de rudimentos para o agir.

A questão que envolve todo este trabalho é a de como a Ética da Responsabilidade pode contribuir para um repensar da práxis humana e ser indicador de caminho para um novo agir sustentável e que vise o futuro. Cabe afirmar, que essa problemática tem profunda relevância não só para a comunidade filosófica, mas para toda a sociedade que assiste diariamente as catástrofes climáticas em todo o mundo.

Cabe ressaltar ainda, que o escopo deste artigo é de natureza literária, sem nenhum estudo de aplicabilidade e constatações de campo. Todas as informações colhidas advêm da literatura disponível em livros e artigos, virtuais e físicos e que são listados nas referências. Justifica-se o estudo do tema a partir de sua relevância no

cenário mundial e a persistência da discussão em torno deste assunto, evidenciando assim uma abordagem filosófica preocupada com a realidade e não apenas geradora de conceitos, mas que com profunda aplicabilidade nos problemas que cercam a sociedade nos tempos atuais.

Existe, porém, uma complexidade para a aplicabilidade da solução, uma vez que, parte do pressuposto de uma tomada de consciência coletiva, o que não invalida a dissertação, uma vez que como é evidenciado na mesma, já existem muitas medidas tomadas que mostram sua valorização. A metodologia utilizada foi a de revisão literária e de método de indutivo com uma pesquisa de natureza básica. Os objetivos visam trazer um caráter explicativo. Da mesma forma, que se evidenciou seus objetivos e suas limitações, permitindo uma visão clara do escopo proposto. O artigo se atém a discorrer quanto a vida e principais ideias do autor estudo.

Como a questão do conceito basilar de todo escrito: O princípio da Responsabilidade, mas também outras temáticas tais quais: A Heurística do medo; O Bem e o dever; o fim, o valor e o ser e por fim, a relação entre responsabilidade política, paterna e total. Já no terceiro capítulo há uma busca de aprofundar a temática que é de suma importância para se entender e estudar essa temática.

VIDA E OBRA DE HANS JONAS

Hans Jonas foi um filósofo alemão do século XX cujas ideias deixaram uma marca significativa na ética e na filosofia da tecnologia. Nascido em 1903, Jonas testemunhou as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, experiência que moldou sua perspectiva filosófica. Sua obra mais conhecida, "O Princípio Responsabilidade", aborda a responsabilidade humana em relação ao meio ambiente e à tecnologia. As influências filosóficas de Jonas são diversas, destacando-se a filosofia existencialista de Martin Heidegger, com quem estudou¹. Heidegger influenciou Jonas a refletir sobre a condição humana, a temporalidade e a relação entre ser e tecnologia.

Além disso, a ética kantiana também desempenhou um papel importante em seu pensamento, especialmente em relação à sua ênfase na dignidade humana e no imperativo categórico. Somado a isso, Jonas desenvolveu uma abordagem ética baseada na ontologia do ser humano, argumentando que a ética deve ser fundamentada na condição humana e em sua responsabilidade para com as gerações futuras e o mundo natural.

Ele alertou sobre os perigos do avanço tecnológico descontrolado, advertindo que a humanidade deve considerar as consequências de suas ações no longo prazo. Uma das contribuições mais notáveis de Jonas é sua noção de "princípio de responsabilidade", que enfatiza a obrigação moral de considerar as implicações éticas das ações presentes nas futuras gerações e no meio ambiente. Argumentando que os avanços tecnológicos devem ser acompanhados por uma reflexão ética profunda sobre seu impacto na vida humana e no planeta.

Em suma, Hans Jonas deixou um legado duradouro na filosofia, especialmente na ética e na filosofia da tecnologia. Sua abordagem profundamente humana e sua preocupação com as implicações éticas do progresso tecnológico continuam a ressoar e a inspirar pensadores e ativistas preocupados com o futuro da humanidade e do planeta. Em 1921, ainda recém-formado, Jonas começa a frequentar a universidade de Freiburg e, tendo aulas com Martin Heidegger, se encanta por sua filosofia. Ao passo de que, em 1924 quando o filósofo se transfere para a universidade de Marburg ele o acompanha. Mundo natural. Uma vez que, serão as ações desta atual geração que irão ser as grandes responsáveis pela possibilidade de coexistência futura entre humanidade e meio ambiente.

O Princípio da Responsabilidade de Jonas

Em sua filosofia Hans Jonas abordou profundamente a ética da responsabilidade. Sua principal preocupação era como a humanidade deveria agir, considerando as consequências de longo prazo de suas ações, especialmente no contexto das tecnologias modernas e das ameaças ambientais. Jonas enfatizou a importância de uma ética que não se baseasse apenas na intenção, mas também na previsão responsável das consequências das ações humanas. Ele argumentava que, dado o poder cada vez maior da humanidade sobre a natureza e o futuro da vida na Terra, era essencial que assumíssemos a responsabilidade pelas implicações de nossas escolhas. Essa ética da responsabilidade exigia uma abordagem precaucionária, na qual as ações humanas deveriam ser guiadas pelo princípio de evitar danos irreversíveis, mesmo que a incerteza persistisse.

Em resumo, a ética da responsabilidade de Hans Jonas recorda do dever de considerar as consequências futuras de nossas ações e de agir com cautela e responsabilidade em face das incertezas do mundo moderno, sendo este um ponto

que deve ser levado profundamente em consideração, pois para ele os imperativos éticos do passado já não se validam mais nessa modernidade, devido a uma mudança profunda no agir humano.

Tal tese é defendida em seu livro *Técnica, Medicina e Ética: Nem uma ética anterior tinha de levar em consideração a condição global da vida humana, o futuro distante e até mesmo a existência da espécie. Com a consciência de extrema vulnerabilidade da natureza a intervenção tecnológica do homem, surge a ecologia. Repensar os princípios básicos da ética. Procurar não só o bem humano, mas também o bem de coisas - extra-humanas, ou seja, alargar o conhecimento dos “fins em si mesmos” para além da esfera do homem, e fazer com que o bem humano incluísse o cuidado delas (Jonas, 1997, p. 40). Hans Jonas estava profundamente preocupado com a destruição da biosfera e os impactos disso para a sociedade.*

Ele via essa destruição como uma consequência direta das ações humanas irresponsáveis, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico descontrolado e à exploração insustentável dos recursos naturais. Para Jonas, a biosfera não é apenas o ambiente em que se vive, mas também o fundamento de toda existência humana e a fonte da própria vida. O filósofo argumentava que, ao degradar a biosfera, estaria minando as bases da própria sobrevivência e comprometendo o bem-estar das futuras gerações.

O pensador via os impactos da destruição da biosfera para a sociedade como multifacetados e de longo prazo. Além das consequências imediatas, como a perda de biodiversidade e a degradação do meio ambiente, alertava para os efeitos indiretos e potencialmente catastróficos, como as mudanças climáticas, a escassez de recursos naturais e o aumento do risco de desastres ambientais. Ele também reconhecia os impactos sociais, econômicos e políticos desses desafios, incluindo o aumento da desigualdade, o deslocamento de comunidades e conflitos sobre recursos escassos.

A cerca desta questão destaca-se: O enorme impacto do Princípio Responsabilidade não se deve somente a sua fundamentação filosófica, mas ao sentimento geral, que até então os mais atentos observadores poderão permitir cada vez menos de que algo poderia ir mal para a humanidade, inclusive o tempo poderia estar em posição no marco de crescimento exagerado e crescente das interferências técnicas sobre a natureza, de pôr em jogo a própria existência. Entretanto, se havia comentado que era evidente a vinda da chuva ácida, o efeito estufa, a poluição dos

rios e muitos outros efeitos perigosos, fomos pegos de cheio na destruição de nossa biosfera (Jonas, 2005, pp. 352-353).

Portanto, nesta filosofia se destaca a importância da natureza como uma parte essencial da existência humana. Portanto, argumentava que o ser humano não deveria se ver como separado ou isolado da natureza, mas sim como um participante ativo e responsável por ela. Para Jonas, a natureza não é apenas um recurso a ser explorado, mas um sistema vivo interdependente do qual fazemos parte.

Defendendo assim, uma ética que reconhecesse a responsabilidade da humanidade em preservar e respeitar a integridade ecológica da natureza. Logo, aqui está o cerne do pensamento do filósofo em questão. Havendo uma novidade quando se coloca o tema da natureza, que mesmo que atualmente seja fortemente explorado e discutidos pelas várias esferas da sociedade, no tempo de Jonas era ainda uma novidade e os efeitos catastróficos do mal manuseio do homem com a natureza eram vistos como algo distante e sem a devida proporcionalidade que os tempos atuais trazem, fazendo com que o chamamento para uma ética da responsabilidade seja mais urgente do que nunca.

A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um novo sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada. Que tipo de deveres ela exigirá? Haverá algo mais do que o interesse utilitário? É simplesmente a prudência que recomenda que não se mate a galinha dos ovos de ouro, ou que não se serre o galho sobre o qual se está sentado? Mas este que aqui se senta e que talvez caia no precipício quem é? E qual é no meu interesse no seu sentar-se ou cair? (Jonas, 2006, p. 39).

A Heurística do Medo

Dentro dessa realidade de uma necessária responsabilidade da civilização para com a natureza, faz-se necessário elencar qual seria o motor responsável por estimular a sociedade numa ação concreta. Daí surge a ideia de heurística² do medo, onde Jonas argumenta que, devido ao poder crescente que os seres humanos têm sobre a natureza e a sociedade, os mesmos devem aceitar uma maior responsabilidade pelos possíveis impactos de suas decisões. Enfatizando que, enquanto não se pode prever exatamente todas as consequências das ações humanas, deve-se considerar cuidadosamente os riscos e agir com cautela, especialmente quando houver uma ameaça real à vida humana, à biodiversidade e ao equilíbrio

ambiental. Essa heurística do medo implica um imperativo ético de antecipação e prevenção, sugerindo que os homens devem estar dispostos a limitar suas ações quando não tiverem certeza sobre os efeitos adversos que podem ocorrer. Em vez de 2Heurística é um procedimento mental simples que ajuda a encontrar respostas adequadas, embora várias vezes imperfeitas, para perguntas difíceis. Esperar por evidências conclusivas de danos antes de agir, Jonas defende uma ação baseada sempre mais na preocupação, na qual prioriza-se a proteção da vida e do meio ambiente mesmo diante da incerteza.

A heurística do temor não é seguramente a última palavra na busca do bem, mas, um veículo extraordinariamente útil. Deveria ser aproveitada para o empreendimento de preservação do planeta, podendo, dessa forma, acordar para a possibilidade de uma catástrofe, assim que provocando a necessidade do limite e da renúncia em relação ao uso de certas tecnologias. O medo seria uma forma de frear a compulsão e a onipotência promete Ana de considerar o conhecimento científico ilimitado (Zancanaro, 1998, p. 57).

Portanto, tem-se aqui o medo não como algo ruim e paralisante que impeça a humanidade de agir. Mas sim pelo contrário, é justamente motivada pelo temor que ela irá conseguir dar as respostas necessárias para uma lá ética cada vez mais comprometida com o meio em que se vive.

O Fim e o Valor em Hans Jonas

Hans Jonas, um dos filósofos mais influentes do século XX, desenvolveu uma ética que se preocupa com a responsabilidade e a preservação da vida, especialmente em resposta aos desafios impostos pela tecnologia moderna. Em sua obra, Jonas discute profundamente os conceitos de "fim" e "valor", que são centrais para sua filosofia. O conceito de "fim" em Jonas está intimamente ligado à ideia de teleologia, ou a doutrina dos fins ou propósitos inerentes à natureza e às ações humanas.

Em Jonas, a natureza não é meramente um conjunto de objetos inertes ou recursos a serem explorados, mas possui uma finalidade intrínseca. Ele argumenta que a vida, em todas as suas formas, tem um valor intrínseco e uma finalidade própria que deve ser respeitada. A noção de fim, portanto, transcende a mera utilidade instrumental que a modernidade frequentemente atribui à natureza e às criaturas vivas.

Para Jonas, cada ser vivo tem seu próprio fim, sua própria maneira de ser, que contribui para a riqueza e diversidade da vida. Desde modo assim evidencia essa realidade: O martelo tem o fim do poder-se-martelar-com-ele: foi criado com esse fim e para ele; esse fim faz parte do seu Ser, produzido para tal, de um modo totalmente diferente do fim momentâneo que tem a pedra há pouco recolhida e arremessada ou o galho que se quebra para alcançar algo.

O fim podemos dizer, faz parte do conceito do martelo, e esse conceito precedeu sua existência, como acontece com todos os artefatos; foi a causa do seu devir (Jonas, 2005, p. 109). A partir dessa perspectiva teleológica, Jonas desenvolve seu conceito de "valor". O valor, para ele, não é algo subjetivo ou meramente atribuído pelos humanos, mas é intrínseco à própria existência dos seres vivos.

Cada forma de vida possui um valor inerente que deve ser reconhecido e preservado. Essa concepção vai contra a visão antropocêntrica dominante, que vê a natureza principalmente em termos de recursos para uso humano. Jonas propõe uma ética da responsabilidade que reconhece a dignidade e o valor intrínseco de todos os seres vivos e da biosfera como um todo. Consoante a isso, a conexão entre fim e valor em Jonas é evidente na sua ética da responsabilidade.

Argumenta que, como seres humanos, temos a capacidade e a obrigação de prever as consequências de nossas ações e, portanto, temos a responsabilidade moral de proteger e preservar a vida. A tecnologia, com seu imenso poder de transformação, deve ser usada com uma consideração cuidadosa dos fins e valores inerentes à natureza. Jonas chama isso de "princípio da responsabilidade", onde o poder humano deve ser equilibrado pela responsabilidade ética para com o futuro da vida no planeta. Portanto, os conceitos de fim e valor na filosofia de Hans Jonas estão profundamente entrelaçados.

O fim refere-se à finalidade inerente dos seres vivos e da natureza, enquanto o valor é o reconhecimento da dignidade intrínseca dessa finalidade. Juntos, esses conceitos fundamentam uma ética que promove a responsabilidade humana em relação à preservação e proteção da vida, contrapondo-se à visão utilitarista e antropocêntrica que tem predominado na era moderna. A filosofia de Jonas nos convoca a uma reflexão mais profunda sobre nosso papel no mundo e nossa obrigação moral de cuidar do planeta para as futuras gerações.

O Bem, o Dever e o Ser

O dever, na filosofia de Jonas, surge como uma resposta à capacidade humana de impactar profundamente o mundo. Em "O Princípio Responsabilidade", ele propõe que o dever ético fundamental do ser humano é garantir a continuidade da vida. Jonas sugere uma ética baseada na precaução, onde a responsabilidade e o cuidado com o futuro tornam-se imperativos morais centrais. A noção de dever, portanto, é amplificada pela consciência dos riscos e das consequências a longo prazo das ações humanas, especialmente no contexto tecnológico.

O dever não é apenas uma obrigação moral para com os outros indivíduos, mas também para com o meio ambiente e as gerações vindouras. O conceito de ser aqui, é profundamente enraizado na fenomenologia e na ontologia. Ele vê o ser como algo que deve ser preservado e respeitado, não apenas como uma entidade isolada, mas como parte de uma rede interconectada de vida. Jonas argumenta que o ser humano, como ser-no-mundo, tem a responsabilidade de proteger a integridade do ser em todas as suas manifestações.

A existência humana está interligada com a existência de outras formas de vida, e essa interdependência cria um imperativo ético para a preservação do ser. Para Jonas, o ser é mais do que existência; é a base da moralidade, onde a continuidade e a sustentabilidade da vida são centrais.

A Relação entre Responsabilidade Paterna, Política e Total

Como já analisado no decorrer deste capítulo a filosofia de Hans Jonas destaca-se pelo enfoque na responsabilidade como um imperativo moral central em um mundo marcado pela crescente capacidade tecnológica e pela consequente vulnerabilidade ambiental e humana.

Jonas, em sua obra seminal "O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a Civilização Tecnológica" (1979), propõe uma reconfiguração da ética tradicional para abarcar a magnitude das consequências das ações humanas no contexto moderno. Neste ensaio, examinaremos a intersecção entre responsabilidade paterna, política e total em sua filosofia, argumentando que Jonas oferece um arcabouço essencial para enfrentar os desafios éticos contemporâneos.

A responsabilidade paterna, segundo Jonas, transcende a mera provisão material e abarca a garantia de um futuro seguro e sustentável para as gerações vindouras. Esta responsabilidade não é apenas uma questão privada, mas possui profundas implicações públicas e políticas. Jonas argumenta que a paternidade envolve um compromisso ético com o bem-estar dos filhos, o que implica uma preocupação com a herança ecológica e social que lhes será legada.

Este conceito de responsabilidade paterna, portanto, está intrinsecamente ligado à necessidade de uma ética de precaução e cuidado que oriente as políticas públicas, conforme afirma: A marca distintiva do ser humano, de ser o único capaz de ter responsabilidade, significa igualmente que ele deve tê-la pelos seus semelhantes, eles próprios, potenciais sujeitos de responsabilidade, e que realmente ele sempre a tem, de um jeito ou de outro: a faculdade para tal é a condição suficiente para a sua efetividade.

Ser responsável efetivamente por alguém ou por qualquer coisa em certas circunstâncias (mesmo que não assuma e nem reconheça tal responsabilidade) é tão inseparável da existência do homem quanto o fato de que ele seja genericamente capaz de responsabilidade da mesma maneira que lhe é inalienável a sua natureza falante, característica fundamental para a sua definição, caso deseje empreender essa duvidosa tarefa (Jonas, 2006, pp. 175-176).

Por sua vez, a responsabilidade política é a extensão deste imperativo ético ao nível da governança e da administração pública. Jonas critica a miopia das políticas que focam no curto prazo e negligenciam as consequências de longo prazo das ações governamentais. Ele defende uma política baseada na prudência, onde a preservação das condições de vida no planeta deve ser uma prioridade absoluta.

A responsabilidade política, neste sentido, implica a adoção de medidas que minimizem riscos ambientais e sociais, garantindo um futuro sustentável. Jonas introduz a noção de "heurística do medo" como um princípio orientador, sugerindo que as previsões sobre potenciais catástrofes devem guiar a elaboração de políticas, mesmo quando a certeza científica plena não está disponível. Finalmente, a responsabilidade total em Jonas abrange um escopo ainda mais amplo, englobando a humanidade como um todo e sua relação com a biosfera.

Ele propõe uma ética global, onde a responsabilidade não se limita aos contemporâneos, mas se estende às futuras gerações e a todos os seres vivos. Esta

visão holística da responsabilidade total desafia as fronteiras tradicionais da ética e da política, exigindo uma reavaliação radical dos valores e prioridades humanos. Jonas advoga por uma ética do cuidado e da preservação, que reconheça a interdependência entre a humanidade e o meio ambiente, promovendo um compromisso coletivo com a sustentabilidade.

Portanto, a filosofia de Hans Jonas oferece uma perspectiva inovadora e urgente sobre a responsabilidade em tempos de avanços tecnológicos e crises ecológicas. A intersecção entre responsabilidade paterna, política e total em sua obra não apenas redefine o papel dos indivíduos e das instituições, mas também propõe uma ética abrangente que é crucial para enfrentar os desafios do século XXI. Jonas nos chama a repensar nossas ações e políticas à luz de um compromisso profundo com a preservação da vida e do bem-estar das gerações futuras, oferecendo um caminho ético robusto e visionário para uma civilização tecnologicamente avançada e moralmente consciente.

O que é possível ser detectado em sua obra principal de forma bastante evidente: As assistências paterna e governamental não podem tirar férias, pois a vida do seu objeto segue em frente, renovando as demandas ininterruptamente. Mais importante é a continuidade dessa existência assistida como uma preocupação, que ambas as responsabilidades aqui analisadas necessitam considerar em cada oportunidade de atuação. As responsabilidades particulares não se limitam apenas a um aspecto, mas também a um período determinado de uma existência (Jonas, 2006, p. 185).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, como foi possível analisar no decorrer desta explanação, a filosofia Joniana é inteiramente permeada pelo Princípio da Responsabilidade como garantidor da continuidade da existência. Evidenciando que, quando isto não acontece se implementa uma crise ética, sendo por tanto necessário analisar de forma geral os nuances da ética no decorrer da história. Para que se possa realizar uma análise completa faz-se necessário aprofundar a temática da relação homem-natureza, ponto fundamental para o entendimento daquilo que defendera o pensador.

REFERÊNCIAS

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. São Paulo: Loyola, 1979.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Edição de 2006. São Paulo: Loyola, 2006. p. 175-176.

JONAS, Hans. **Memórias**. Madrid: Losada, 2005.

_____. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

ZANCANARO, Lourenço. **O conceito de responsabilidade em Hans Jonas**. 1998. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.